

O TEATRO ATENIENSE E O USO POLÍTICO DA CIDADE: UM ESTUDO DE CASO DA TRAGÉDIA *PERSAS* DE ÉSQUILO DE 472 A.C.

Pierre Romana Fernandes⁶⁵

RESUMO

Ao analisar a tragédia *Persas*, de Ésquilo, sob o exame metodológico da Análise de Discurso e enviesado pelo conceito teórico de *representação*, podemos reabrir o debate sobre os indícios de *identidade* e *alteridade* apontados tradicionalmente na produção textual ateniense do século V a.C. e redefinir os limites da oposição binária entre gregos e *bárbaros* no contexto pós-Guerras Greco-Pérsicas. O presente trabalho pretende avaliar a relevância sociocultural do teatro ateniense e a dinâmica política provedora do espaço da cidade ao viabilizar e transmitir identidades, valores e práticas por meio da *representação* do “outro”.

Frente aos critérios historiográficos que encabeçaram a renovação do conhecimento histórico em meados do século XX – sobretudo a partir dos *Annales* -, a pesquisa em História adquiriu novos métodos de análise documental. Com o advento da “História Problema”, compreendemos os documentos textuais não mais como reproduções de plenas verdades, mas como resultados da produção de *discursos*.

Por essa razão, consideramos nosso documento textual - a tragédia *Persas* de Ésquilo, de 472 a.C. – resultado de um *discurso* do contexto em que foi produzido e, sendo assim, optamos em empregar a análise metodológica denominada Análise de Discurso, elaborada pelo Núcleo de Estudos da Antiguidade (NEA/UERJ) através dos estudos da linguista Eni Orlandi⁶⁶. Por meio da referida análise, entendemos a

⁶⁵ Professor especialista formado pelo Curso de Especialização em História Antiga e Medieval da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CEHAM/NEA/UERJ). Pesquisador do Núcleo de Estudos da Antiguidade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (NEA/UERJ), sob a orientação da Prof^a Dr^a Maria Regina Candido.

⁶⁶ A abordagem privilegiada pelo Núcleo de Estudos da Antiguidade (NEA/UERJ) para desenvolver a

importância fundamental de nos atermos ao contexto social da encenação da peça a fim de compreendermos não apenas as motivações da obra e os sentidos produzidos pelo *discurso* do autor, mas, sobretudo, examinarmos as possíveis *representações* dos persas. Esse processo nos permitiria identificar os prováveis usos políticos do teatro e da cidade e uma imagem de Atenas enquanto *pólis* após Guerras Greco-pérsicas.

Diante da orientação teórico-metodológica supracitada, surge a necessidade de introduzirmos nossa exposição indicando alguns aspectos historiográficos acerca do conceito de *pólis*.

A arqueóloga Maria Beatriz Borba Florenzano, a partir dos estudos de Mogens Herman Hansen, do Copenhagen Polis Centre, chama a atenção para o termo *pólis*, analisado na documentação textual helênica dos séculos V e IV a.C. Em seu exame, o termo sugere uma população assentada num determinado território sob uma comunidade política (FLORENZANO, 2010: 40). A ótica arqueológica de Florenzano, ao contemplar a documentação material disponível na Grécia peninsular, determina o espaço físico da *pólis* a partir do alcance social e político dos elementos de integração da comunidade assentada. Nesse caso, os limites físicos da *pólis* seriam delineados pela coesão política e social da comunidade (FLORENZANO, 2010: 41). Corroborando com a perspectiva de Florenzano, o historiador Paul Cartledge conceituou o termo *pólis* a partir da denominação Cidade-Estado, ou seja, uma delimitação espacial na qual um grupo de sujeitos desempenhava suas atividades de cunho político. Desse modo, o espaço da cidade seria endossado pela atuação integradora de um Estado (CARTLEDGE, 2001:13). Convergindo os apontamentos de Florenzano com Cartledge, verificamos que o espaço comum da *pólis* era reservado às práticas públicas de integração sociocultural. A assertiva contribui para nossa análise do uso político do

metodologia da Análise de Discurso foi: ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso. Princípios e procedimentos*. SP, Pontes, 1999.

teatro no espaço comum da *pólis*.

Ao interagir com os apontamentos de Florenzano e Cartledge, o historiador Norberto Luiz Guarinello nos informa que a formação progressiva da *pólis*, a partir das redes de integração comercial no Mediterrâneo, corresponde ao papel organizacional do centro urbano (*asty*) de um modelo social e político fundamentado nas relações da terra, do trabalho e do comércio elaborado por um processo de “fechamento” de fronteiras externas e, simultaneamente, de fronteiras internas entre os habitantes da comunidade (GUARINELLO, 2013: 61). Florenzano contextualiza o determinado processo de integração comercial – a partir da fundação das *apoikias*⁶⁷ – com o Mediterrâneo ocidental entre os séculos VIII e VII a.C. (FLORENZANO, 2010: 47).

O estudo do historiador Cristiano Bispo, em diálogo com os apontamentos de Guarinello sobre a influência externa no processo de formação da *pólis*, nos permite observar que, mesmo que num contexto distinto (início do século V a.C.), o resultado da vitória helênica nas Guerras Greco-Pérsicas viabilizou a consolidação de Atenas enquanto *pólis* ateniense. Bispo nos apresenta as Guerras Greco-Pérsicas (499 a.C. – 479 a.C.) como um grande conflito na antiguidade, visto que envolveu direta ou indiretamente grande parte do mundo conhecido naquele período. Sendo assim, o autor considera as Guerras Greco-Pérsicas como fenômeno determinante na renovação das fronteiras geográficas e culturais entre as *póleis* e as sociedades não-helênicas (BISPO, 2003: 8). Sobre esse contexto em Atenas, a tragédia *Persas* de Ésquilo encena a vitória contra os persas na batalha de Salamina e constitui um dos documentos mais relevantes acerca da tendência dualista presente na produção literária ateniense do século V a.C, como bem nos informa Bispo (BISPO, 2003: 8). A

⁶⁷ Segundo Florenzano, as *apoikias* consistiam em áreas “coloniais” gregas que foram fundadas a partir de 750 a.C. no sul da Itália e na Sicília, estendendo-se, posteriormente, ao Mar Negro. A autora considera a formação das *apoikias* uma evidência de manutenção da estabilidade da *pólis*. FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. *A origem da pólis: Os caminhos da Arqueologia*. In: CORNELLI, Gabriele (org.). *Representações da Cidade Antiga: Categorias históricas e discursos filosóficos*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010. p. 47.

referida perspectiva situa a *pólis* ateniense no limiar das amplas relações de oposição entre Atenas e os *bárbaros* sob o viés da alteridade. Tal fenômeno teria fortalecido as identidades coletivas e reforçado os elementos simbólicos de pertencimento ao espaço cultural da *pólis*.

As historiadoras Nicole Loraux e Catherine Peschanski destacam-se no estudo da *pólis*, sendo esta um espaço comum de identificação coletiva em confronto com o *bárbaro*. Estas autoras corroboram com a concepção da identidade coletiva dos atenienses por meio do “*reflexo invertido do outro*”, traço marcante nos esquemas literários a partir do século V a.C., sobretudo na conjuntura dos efeitos das Guerras Greco-Pérsicas, na qual os escritos de Ésquilo são determinantes (LORAUX, 1993: 77-80); (PESCHANSKI, 1993: 66-7).

Ao interagirmos com os pressupostos da historiografia abordada, podemos compreender que o modelo social e político composto pela comunidade políade, e aprofundado pela conjuntura política pós-Guerras Greco-pérsicas, permitiu a constituição de mecanismos de participação ativa dos cidadãos e, ao mesmo tempo, espaços destinados a tal participação. Sendo assim, percebemos a existência de instituições reservadas ao exercício da cidadania, marco expressivo das práticas de pertencimento à *pólis*. Nesse caso, uma das instituições que evidenciava o exercício da *isonomia* era o teatro⁶⁸. O teatro pertencia aos principais festejos da *pólis* no âmbito dos processos rituais destinados à divindade de Dioniso (CASTIAJO, 2012: 21). Nos

⁶⁸ O teatro ao qual nos referimos no trabalho se trata do teatro ateniense, espaço incluído no festival das Grandes Dionísias. Maria Regina Candido nos esclarece que o teatro constitui uma experiência singular e estreita com a democracia ateniense, uma vez que sua estrutura assemelhava-se com a *Phix*, ou seja, a forma circular tinha por fim ratificar o exercício da *isonomia* pela livre circulação da palavra. Segundo Isabel Castiajo, O processo isonômico, presente na organização das celebrações teatrais, manifestava-se na escolha dos dez juízes de cada *demos*. Porém, o cargo de *choregos*, geralmente destinado aos cidadãos de maiores recursos, servia para o financiamento das peças. (CANDIDO, Maria Regina. *Teatro, Memória e Educação na Atenas Clássica*. IN: LESSA, F. S.; BUSTAMANTE, R. M. C. (orgs) *Memória e Festa*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. p. 626. CASTIAJO, Isabel. *O Teatro Grego em Contexto de Representação*. Coimbra: IUC, 2012. p. 21.)

dramas, os autores elaboravam encenações poéticas que envolviam temáticas relacionadas às dimensões sociais e políticas da democracia ateniense (CANDIDO, 2005: 625).

Grande parte da historiografia clássica que interagiu com a obra *Persas* de Ésquilo conceituou-a não apenas como símbolo do triunfo ateniense na batalha naval de Salamina contra a marinha do Império Persa comandada por Xerxes, mas também como expressão da dinâmica política e militar da sociedade ateniense no desdobramento das práticas democráticas. A autora portuguesa Maria do Céu Fialho comenta que a obra apresenta, ainda, os fatores motivacionais de Atenas no combate pela defesa da *pólis* e, tais fatores, são constantemente associados aos valores da cidadania ateniense, à saber, nas palavras de Fialho: “o sistema democrático, a liberdade e identidade, o solo e as próprias raízes no passado, bem como o âmbito sagrado dos próprios deuses” (FIALHO, 2004: 223).

No entanto, por meio da aplicação teórico-metodológica de *discurso* e *representação* na obra *Persas* de Ésquilo, podemos extrair dados que nos levam a contestar a ortodoxia da historiografia no que diz respeito ao fortalecimento da identidade e da democracia ateniense em virtude da oposição binária ao persa *bárbaro* e invasor. Devemos considerar que o *discurso* da obra, partindo dos estudos linguísticos de Eni Orlandi, nos permite compreender os sentidos empíricos, mesmos não evidentes, da *fala* do autor correlacionados ao seu contexto social⁶⁹. Ao aplicar o conceito de *discurso*, podemos nos deter nas supostas intenções do autor no que tange a forma de transmissão dos valores e as práticas. Assim, obtemos expressões de *representação* do “outro”, o persa. Sobre o conceito de *representação*, podemos considerar que, a partir dos estudos sociológicos de Pierre Bourdieu, se trata de uma

⁶⁹ De acordo com Eni Orlandi, seria por intermédio do discurso que os valores preconizados por um grupo de sujeitos podem se manifestar conforme a necessidade do meio social. ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso. Princípios e procedimentos*. SP, Pontes, 1999. p. 17.

imagem construída socialmente por sujeitos sociais acerca de um sujeito/objeto com a finalidade de interpretar práticas e valores (BOURDIEU, 2009: 46). O determinado esquema teórico aplicado ao documento transparece um dado significativo: podemos verificar que os persas são considerados variavelmente *bárbaros* segundo o grau de afinidade das suas práticas com os valores preconizados pelos atenienses do contexto em questão. Entretanto, as *representações* heterogêneas dos persas encontradas por meio da metodologia da Análise de Discurso, nos permite, surpreendentemente, identificar *discursos*, ou seja, componentes ideológicos plurais que nos remetem a identificações variadas sobre os persas segundo as *representações* que se cruzam na peça⁷⁰

Ao considerar que as *representações* dos persas são plurais e variáveis, e, de acordo com Bourdieu, estas consistem em imagens construídas segundo os valores de um determinado grupo social por meio do *discurso* (BOURDIEU, 2009: 51-2), então, por conseguinte, a peça *Persas* de Ésquilo nos denota as variadas idealizações da imagem dos persas entre os segmentos sociais atenienses. Esses grupos políticos contemporâneos à Ésquilo, portanto, forneciam sentidos simbólicos da realidade, ao ressignificar a identidade persa a fim de legitimar seus próprios valores e reforçar suas práticas sociais no comando político da *pólis*. Nesse caso, a imagem dos persas ausentes resulta das práticas de reforço e legitimação de poder dos segmentos que almejavam representatividade política em Atenas.

Partindo dessas formulações, podemos demonstrar algumas evidências que corroboram com a pluralidade aludida. Em especial, podemos destacar os determinados trechos:

“Sendo, pois as coisas como são, aconselhai-me sobre estas matérias, Persas, meus velhos e fiéis servidores: só de vós espero um conselho sincero” (V. 170-173).

⁷⁰ As passagens da obra de Ésquilo privilegiadas em nossa análise são designadas a seguir.

“exército de grande fama, que, no saque das fortalezas, respeitavam as normas da tradição” (V. 860).

“é a lança para o corpo a corpo e o escudo que lhes serve de armadura” (V. 240).

“Eles não são escravos nem súditos de ninguém” (V. 242).

Podemos observar trechos que sublinham notoriamente as bases *discursivas* da obra de Ésquilo. Nos dois primeiros trechos podemos observar algumas falas da Corte persa relacionadas com a autoridade da rainha Atossa, mãe do rei Xerxes, e o Conselho de Anciãos. Em ambos os trechos, o *não-dito*⁷¹, ou seja, os sentidos ideológicos do autor indicados por meio das autoridades da Corte transmite práticas e valores correlacionadas aos segmentos aristocráticos da sociedade ateniense – ou melhor dizendo, sociedade ática –, tais como tradição e ancestralidade. O rei Dario, a Rainha Atossa e o Conselho dos Anciãos refletem a manutenção de valores respeitosos para o modo de vida aristocrático e os sentidos atribuídos a determinados personagens podem indicar o temor de violação da sacralidade do espaço reservado aos persas, a Ásia, na intrínseca concepção helênica de Ésquilo. Segundo o autor, a extensão do lugar destinado à tradição persa não é o problema, mas sim o avanço conduzido desmedidamente ao mar, espaço envolvido e dedicado à religiosidade helênica.

Os dois últimos trechos, na peça, referem-se às informações sobre o exército ateniense destinadas a sanar a curiosidade da Corte persa sobre o inimigo. São nítidas apreensões acerca do modo de organização hoplítica, a forma de combate baseada nos laços da *philia* (amizade no sentido *lato*). A coesão que integra a falange hoplítica nos denota a inserção das diversas classes censitárias ao exército ateniense como resultado da *isonomia* que envolve as instituições políticas; uma notória referência aos

⁷¹ Termo utilizado pela linguista Eni Orlandi a fim de explicar a existência de uma suposta intencionalidade não evidente num discurso (ORLANDI, 1999: 42-4).

valores da *demokratia*⁷² e da *eleutheria*⁷³.

Sobre os determinados trechos, e, ao se tratar da linha teórica estabelecida, devemos considerar o contexto histórico concomitante a produção do documento a fim de ampliar a compreensão dos sentidos emitidos pelos *discursos*. Nesse caso, devemos recorrer à historiografia que aborda o curso dos acontecimentos sociais e políticos de Atenas no período estudado.

Segundo o historiador Chester Starr, a formulação das instituições democráticas no início do século V a.C., em suas primeiras décadas, dois grupos políticos se elevam: um grupo de origem aristocrática e mais conservador tendo Aristides como figura de destaque, e um grupo favorável às mudanças democráticas e mais próximo do ideal cívico e coletivo da *pólis* com destaque para a figura de Temístocles (STARR, 2005: 37-8). Nesse período, como frisa Starr, na medida em que a assembleia obtém maior legitimidade, cria-se o mecanismo do ostracismo e, Aristides, em 482 a.C., fora ostracizado por influência direta de Temístocles (STARR, 2005: 40). A partir daí, Temístocles tornou-se a principal referência política de Atenas entre as forças que iriam combater a invasão persa comandada pelo rei Xerxes. A vitória helênica nas batalhas de Salamina e Plateia motivou, em Atenas, a criação da Liga de Delos⁷⁴ por meio da primazia marítima alcançada pelos atenienses, com a contribuição

⁷² Nesse caso, podemos pontuar as observações da historiadora Claude Mossé, a partir da sua obra *Dicionário da Civilização Grega*, sobre o conceito de democracia delineado na documentação textual ateniense no século V a.C. Segundo Mossé, a menção mais precisa em termos de temporalidade se refere a obra *Suplicantes* de Ésquilo, representada por volta de 468 a.C., onde duas palavras formam democracia: *demos*, o povo, e *kratos*, o poder, para evocar a decisão tomada pelo povo na peça. Ainda de acordo com a autora, a grande massa que compunha o *demos* era formada por trabalhadores, camponeses, artesãos e comerciantes cujos interesses variavam notoriamente (MOSSÉ, 2004: 87-8).

⁷³ A partir da obra de Claude Mossé, *Dicionário da Civilização Grega*, o termo *eleutheria* consiste na liberdade simultaneamente social e política de que gozava o ateniense. Socialmente, este ateniense livre, em termos jurídicos, não depende de ninguém. Assim a *eleutheria* opõe-se à *douleia*, à servidão do escravo. No que se refere à liberdade política, o termo assegura ao ateniense uma série de direitos: direito da palavra nas assembleias, direito de pedir as contas ao magistrado, direito de ser julgado por um tribunal e etc. (MOSSÉ, 2004: 186-7).

⁷⁴ A vitória helênica sobre os persas nas batalhas de Salamina (480 a.C.) e Plateia (479 a.C.), motivou a

política de Temístocles (GUARINELLO, 1994: 14). Aristides se fez representante da criação da Liga em 478/7 a.C. assumindo as responsabilidades na composição da aliança naval. A partir dos primeiros resultados históricos da Liga até a metade do quinto século, Starr nos chama a atenção para um “*reflorescimento do conservadorismo em Atenas*” (STARR, 2005: 40).

As pretensões da Liga dividiram as duas principais responsáveis pela vitória helênica contra os persas: Atenas e Esparta. No entanto, de acordo com a classicista portuguesa Maria do Céu Fialho, na ocasião em que *Persas* foi apresentado, em 472 a.C., o general Címon, filho de Milcíades, o comandante das forças atenienses em Maratona, desbancava como figura influente dos grupos políticos aristocráticos e defendia a aproximação entre Atenas e Esparta, visto a necessidade de restabelecer a unidade helênica contra a ameaça persa, enquanto Temístocles propunha a liderança da força ateniense contra uma provável querela espartana (FIALHO, 2004: 224-5). Corroborando com os apontamentos de Fialho, o historiador Norberto Luiz Guarinello acrescenta que Címon liderou os ataques que expulsariam definitivamente os persas do mar Egeu no combate ativo a armada fenícia inibidora das atividades comerciais marítimas (GUARINELLO, 1994: 16). O êxito da liderança de Címon em Atenas pode ter contribuído decisivamente para o predomínio dos grupos aristocráticos nas décadas de

criação de uma Liga ou Confederação de cidades helênicas, entre 478 e 477 a.C., sob a liderança de Atenas, e que pretendia continuar lutando e defendendo o território helênico contra as mínimas ocupações persas que ainda se faziam presentes. Inicialmente, a Liga se definia como uma aliança militar que previa a autonomia para as cidades participantes, reservando a Atenas o comando das operações. O poder de decisão da Liga foi conferido a um conselho deliberativo entre as cidades membros, no qual Atenas tinha um papel preponderante, mas não exclusivo. A contribuição das cidades aliadas para o esforço de guerra contra os persas se davam de duas maneiras: as cidades maiores participavam com navios de guerra e combatentes, enquanto as cidades de menor porte, que não enviavam embarcações, contribuíam com o pagamento de um tributo para o tesouro da Liga, que ficava localizado no templo de Apolo, na ilha de Delos, e administrado por dez magistrados atenienses. Os recursos militares da Liga foram utilizados na Batalha de Eurimendonte, em 468 a.C., quando o general ateniense Címon expulsou os persas do mar Egeu combatendo os navios fenícios que ainda restavam do poderio naval persa desde a expedição de Xerxes. Até 462 a.C., a Liga exerceu uma atividade essencialmente marítima, apoiada na hegemônica frota ateniense desde a vitória em Salamina.

470 e 460 a.C., sobretudo, para o ostracismo de Temístocles.

Frente aos indícios historiográficos, podemos equiparar os *discursos* presentes na obra de Ésquilo à manutenção das práticas políticas e culturais dos segmentos envolvidos nas instituições atenienses responsáveis pela campanha contra os persas no Egeu e pela hegemonia da *pólis* ateniense. Nesse sentido, considerando as condições de conflito político interno tendo como evidência da situação as *representações* dos persas inerentes aos *discursos* da obra, podemos visualizar um modelo de cidade: enquanto *pólis*, Atenas possuía um amplo conjunto de instituições – entre elas o teatro – que, por meio das relações de poder isonômicas, podemos identificar uma cidade amparada por interações socioculturais de grupos que fazem uso do espaço público a fim de legitimar seus valores e práticas na sociedade.

Em suma, os segmentos hegemônicos da sociedade ateniense valiam-se do teatro como campo estratégico de poder político e cultural, trazendo à luz uma percepção sobre o uso da cidade, capaz de transmitir uma imagem de *pólis* helênica que dependia do reforço das identidades e das práticas tradicionais ainda que vigorasse a *demokratia*.

BIBLIOGRAFIA

DOCUMENTAÇÃO TEXTUAL

ÉSQUILO. Persas. Trad.: Manuel de Oliveira Pulquério. Lisboa: Edições 70, 1998.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISPO, Cristiano. *As Guerras Médicas: Proximidade de fronteiras étnicas e geográficas entre atenienses e etíopes nos séculos VI e V a.C.*. In: Revista Mirabilia nº 3 ano 2003.

BOURDIEU, Pierre. *O Senso Prático*. Trad.: Maria Ferreira. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

_____. *A economia das trocas linguísticas*. In: ORTIZ, Renato (org.).

- Bourdieu – Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.
- CANDIDO, Maria Regina. *Teatro, Memória e Educação na Atenas Clássica*. IN: LESSA, F. S; BUSTAMANTE, R. M. C. (orgs) *Memória e Festa*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.
- _____. *Sólon e as fronteiras sagradas da região de Eleusis*. In: Anais do XXVII Simpósio Nacional de História ano 2013.
- CARTLEDGE, Paul. *The Greeks: a portrait of Self and Others*. New York: Oxford University Press, 1993.
- CASTIAJO, Isabel. *O Teatro Grego em Contexto de Representação*. Coimbra: IUC, 2012.
- DAVIES, J. K. *The Greece After the Persian Wars*. In: The Cambridge Ancient History nº V. Cambridge University Press: Cambridge, 2008.
- FIALHO, Maria do Céu. *Os Persas de Ésquilo na Atenas do seu tempo*. In: Revista Máthesis nº 13 ano 2004.
- FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. *A origem da pólis: Os caminhos da Arqueologia*. In: CORNELLI, Gabriele (org.). *Representações da Cidade Antiga: Categorias históricas e discursos filosóficos*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. *História Antiga*. São Paulo: Contexto, 2013.
- _____. *Imperialismo Greco-Romano*. 3º ed. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- JONES, Peter V. *O Mundo de Atenas: uma introdução à cultura clássica ateniense*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- KNOX, B. N. W. *Athenian Religion and Literature*. In: The Cambridge Ancient History nº V. Cambridge University Press: Cambridge, 2008.
- KYRIAKOU, Poulheria. *The Past in Aeschylus and Sophocles*. Berlin: De Gruyter & Co., 2011.
- LORAU, Nicole. *A cidade grega pensa o um e o dois*. IN: CASSIN, Barbara (org.). *Gregos, Bárbaros, Estrangeiros. A Cidade e seus outros*. Trad.: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso. Princípios e procedimentos*. SP, Pontes, 1999.

PESCHANSKI, Catherine. *Os Bárbaros em confronto com o tempo (Heródoto, Tucídides, Xenofonte)*. IN: CASSIN, Barbara (org.). *Gregos, Bárbaros, Estrangeiros. A Cidade e seus outros*. Trad.: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

STARR, Chester G. *O nascimento da democracia ateniense. A assembleia no século V a.C.* trad.: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Odysseus Editora, 2005.

VERNANT, J-P e VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Brasiliense, 1988.